

## FOLHA DE S.PAULO

UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL ★ ★ ★

Publicado desde 1921 - Propriedade da Empresa Folha da Manhã S.A.  
Al. Barão de Limeira, 425, Campos Elísios, CEP 01202-900, São Paulo, SP

Presidente: LUIZ FARIAS

Diretor Editorial: OTAVIO FARIAS FILHO

Superintendentes: ANTONIO MANUEL TEIXEIRA MEUNIER E JUDITH BRITO

Editora executiva: ELIZABETH DE LUCENA

Conselho Editorial: ROGERIO CEAR DE CARVALHO LEITE, MARCELO COELHO, JAMIRO DE FREITAS, GILBERTO DRUMONDY, CLÓVIS ROSSI, CARLOS HENRIQUE CORREIA, CELSO PINTO, ANTONIO MANUEL TEIXEIRA MEUNIER, LUIZ FARIAS E OTAVIO FARIAS FILHO (secretário)

Diretoria executiva: ANTONIO CARLOS DE MOURA (comercial), ADALBERTO FERNANDES (industrial/tecnologia), MURILLO BUSTAM (circulação), MARCELO MACHADO GONÇALVES (financeiro) e MIGUEL LONGO JUNIOR (planejamento)

## Editoriais

editoriais@uol.com.br

## Lições de Honduras

**Diplomacia brasileira sai de mãos vazias e com a imagem arranhada após desfecho da crise com a posse de Porfirio Lobo**

**A**PÓS 128 DIAS na embaixada brasileira, o presidente deposto Manuel Zelaya partiu de Honduras para a República Dominicana. O presidente eleito, Porfirio Lobo, tomou posse e, ato contínuo, sancionou uma anistia ampla. Ela abarca tanto Zelaya — pela tentativa de aprovar uma Constituição por plebiscito, ato considerado ilegal pelo Congresso e pela Corte Suprema — quanto os militares que o expulsaram do país, ao desamparo da lei.

Trata-se de um desfecho aceitável para a crise institucional que se arrastava desde 28 de junho de 2009, quando Zelaya foi apeado do poder. Eleições livres, como aparentemente foram as de 29 de novembro, constituem a maneira mais adequada de pôr fim a situações políticas anômalas como a hondurenha, que já durava sete meses.

Chegou a hora de fazer um balanço sereno do desempenho da diplomacia brasileira no episódio. O país condenou de imediato e com vigor a deposição de Zelaya, que qualificou como um "golpe". Se não incentivou, ao menos tolerou a transformação do prédio da representação nacional em palanque de Zelaya a partir de 21 de setembro, quando se tornou seu "hóspede".

Tal apelo velado chegou perto de uma ruptura do princípio de não ingerência tradicionalmente observado pelo Brasil. Planalto e Itamaraty pareciam agir com a

convicção de que a presença de Zelaya na capital acabaria por forçar sua volta ao poder, condição à qual a diplomacia brasileira se afezou.

O mínimo a constatar é que tal inflexibilidade, além da tolerância com Zelaya, se revelou ineficaz. Pode-se argumentar também que ambas resultaram danosas para o interesse nacional.

Não que Honduras seja uma peça importante no xadrez internacional. Tampouco se pode dizer que houvesse significativas relações comerciais, militares ou políticas com a república exportadora de bananas da América Central. Brasília sai do episódio, no entanto, com a imagem de ter buscado mais projetar-se do que contribuir efetivamente para a solução do impasse.

O papel real de mediador terminou exercido pelos Estados Unidos, que costuraram o acordo para a realização das eleições. Ao manter posição de princípio contrária à sua realização e recusar-se, ainda hoje, a reconhecer o governo eleito, o Itamaraty consegue apenas reforçar a ideia de que almeja credenciar-se a qualquer hora e a qualquer preço como liderança alternativa à dos EUA na América Latina.

A arte da diplomacia consiste em lograr um equilíbrio, do qual o Brasil anda longe, entre princípios e pragmatismo. Na prática, o país segue emitindo sinais de incoerência para a comunidade internacional: excede-se na defesa do que decide ser melhor para a democracia em Honduras, mas propugna a volta de Cuba — uma óbvia ditadura — à OEA, omite-se diante do autoritarismo de Chávez e flerta com o Irã, que executa oposicionistas.

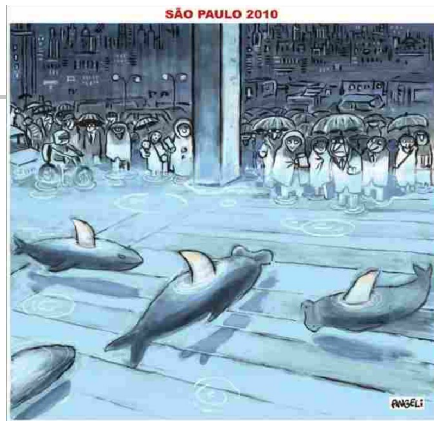
sua continuidade continuam previstos no Orçamento. Eles apenas ficam "congelados" até que a empresa responsável apresente providências ou esclarecimentos satisfatórios ao TCU.

Mas o presidente, que no ano passado fez repetidas críticas ao órgão, preferiu ignorar a fiscalização e eximir a Petrobras da necessidade de novas explicações.

Há problemas, sem dúvida, com os tribunais de contas estaduais e da União em seu modelo atual. Empregam ministros e conselheiros nomeados pelo Legislativo, muitas vezes a partir de critérios político-partidários.

Caberia ao governo trabalhar por sua reforma, defendendo

composição estritamente técnica em seus altos escalões, nos moldes do que já ocorre em outras esferas da burocracia estatal. Já a solução oposta, adotada pelo presidente, de desprestígio a decisões do Legislativo e enfraquecimento dos instrumentos de controle e prevenção à corrupção, é inadmissível.



FERNANDO DE BARROS E SILVA

## Chávez e a esquerda

**SÃO PAULO** - É quase incontestável a tentação de ver Hugo Chávez como uma figura folclórica. Nele, o traje militar evoca uma fantasia de Carnaval. E seu personagem, de uma afetação teatral, parece saído de um filme de Glauber Rocha.

Com seus intermináveis discursos a reiterar o mantra do anti-imperialismo, Chávez também funcionou como um substituto de Fidel Castro para amplos setores da esquerda, inclusive a brasileira. O declínio do ditador cubano abriu espaço para a ascensão da pantomima bolivariana no imaginário de algumas vótimas da revolução.

Mas nada tem de folclórica a destruição paulatina e determinada das instituições democráticas levada a cabo pelo chavismo. Nem pode ser considerada inocente a condescendência das esquerdas diante da ditadura "in progress" vivida pela Venezuela nos últimos dez anos.

Foi-se o tempo em que a experiência bolivariana poderia ser eventualmente confundida com uma forma de radicalização democrática. Entre a direita golpista que

tentou derrubar Chávez em 2002 e o que Chávez passou a representar depois é preciso... criticar os dois.

Alterações no arcabouço legal, métodos ostensivos de alijamento e intimidação de adversários políticos, perseguição aos meios de comunicação não submetidos à cartilha bolivariana, coerções físicas ou institucionais em larga escala — valeu tudo, ou quase, para concentrar o poder nas mãos do caudilho.

A inclinação autoritária do governo mudou de patamar a partir de 2007, quando Chávez foi derrotado no plebiscito que lhe daria direito à reeleição ilimitada — direito conquistado na marra, em 2009. Desde o revés, ele dobrou a aposta no seu poder autocrático, galvanizando, em contrapartida, a insatisfação das classes médias, sobretudo dos estudantes que saíram às ruas.

A tensão política atinge agora níveis inéditos enquanto a economia do país desmancha, com inflação em alta, recessão, racionamentos. Está evidente que as coisas não vão acabar bem nesse laboratório tardio de certa esquerda autoritária.

ELIANE CANTANHÊDE

## Hipertrofia do Executivo

**BRASÍLIA** - No Brasil, Lula "ignora", "atropela" e/ou "desafia" (verbos usados pelos jornais) o Tribunal de Contas da União e libera o Orçamento R\$ 13,1 bil para quatro obras da Petrobras suspensas por irregularidades classificadas como graves pelo órgão.

Na Argentina, Cristina Kirchner ignora, atropela e/ou desafia a lei. Cismou que o Banco Central tinha de desviar reservas para o Tesouro abater a dívida externa, o presidente do BC, Martín Moradro, disse não, e ela não titubeou: demitiu-o por decreto, sem ouvir o Congresso. A Justiça mandou reintegrá-lo, Cristina jogou a polícia contra ele e contra a Justiça.

Na Venezuela, Hugo Chávez ignora, atropela e/ou desafia tudo e todos. Cria leis, subjugou o Legislativo e o Judiciário, suspende TVs que se recusam a lhe dar palanque eletrônico e decreta racionamento de água e de energia. Enquanto isso, arranja tempo e dinheiro para se imiscuir na mídia até do seu aliado da Nicarágua, Daniel Ortega.

É a hipertrofia do Executivo, flagrada por Chávez, encampada agressivamente na Bolívia e no Equador, sofisticada na Argentina e sorrateiramente disseminada no Brasil, "terra de samba e pandeiro". A América do Sul vive os tempos do "eu quero".

Melhor fariam todos se repetissem Obama, que, em vez de abrir as baterias contra a Justiça, contra as leis, contra os tribunais de contas e contra a mídia que cobra e incomoda, mirou nos que geraram a crise mundial de 2009 e ainda conseguem tirar lucro dela: os bancos.

Chávez fecha e nacionaliza bancos, mas Obama articula com o Congresso e com a opinião pública uma regulamentação que limite os abusos e os riscos do sistema e seus reflexos no país, nas instituições, nos cidadãos e no mundo. Isso, sim, é justo e democrático.

PS - A hipertensão de Lula é um sintoma de que ele está desgastado, ultrapassando todos os limites.

elianec@uol.com.br

RUY CASTRO

## Terror sob os escombros

**RIO DE JANEIRO** - Se você se sente esquisito ao penetrar naquele tubo para fazer uma inofensiva ressonância magnética — algo lhe diz que podem escocê-lo lá dentro e só virem resgatá-lo depois do Carnaval —, imagine o que é estar vivo e soterrado no Haiti, 15 dias depois do terremoto, sem comida, sem água, sem qualquer perspectiva de que venham salvá-lo ou haja equipes trabalhando nisso, ou mesmo que saibam que você está ali.

Quinze dias soterrado equivalem a 21.600 minutos, ou 1.296.000 segundos, sem sequer saber o que aconteceu à sua volta — para todos os efeitos, pode ter sido o bôjão de cozinha que explodiu —, que um tremor destruiu sua cidade e matou pelo menos 150 mil pessoas e que o mundo inteiro tenta ajudar. A angústia se dá minuto a minuto. Para ter uma ideia, marque no relógio quanto custa um minuto para passar. Ou um segundo.

Depois de duas semanas presas,

duas meninas, 16 e 14 anos, foram retiradas de sob os escombros nos últimos dias. Antes delas, no 11º dia, foi um homem de 24 anos, que teve a sorte de ficar sob os destroços de um supermercado — pelo menos tinha toda espécie de porcarias e refrigerantes para sobreviver. Mas outro, de 22 anos, resgatado no 10º dia, apesar de estar num bolsão de ar formado pelos móveis que caíram sobre ele, só tinha a própria urina para beber.

Estamos falando, claro, de quem não teve, digamos, o corpo imobilizado por uma viga — caso em que estaria sendo comido vivo pelos vermes, como aconteceu à senhora de 84 anos, retirada ainda conscientemente no 10º dia.

Nenhum livro, filme ou série de TV jamais poderá dar conta da real dimensão da tragédia de Porto Príncipe. Mesmo a simples reconstrução de um desses dramas individuais está além da capacidade humana de descrever o terror.

JOSÉ SARNEY

## A Nina e MJ

**O** REPÓRTER PABLO Ordaz cobriu os primeiros dias da tragédia do Haiti e como poucos nos revelou em profundidade o aspecto humano que permeia o mundo invisível de uma catástrofe dessa magnitude. São desgraças individuais que são símbolo e exemplo do que acontece no olho desse furacão sem vento que atingiu o mais pobre entre os mais pobres, o sofrido povo do Haiti.

Em 2008, dois tornados destruíram sua frágil infraestrutura. Agora, a tragédia humana e física não se tem como dimensionar. Não são somente os edifícios que caíram, os mortos, os feridos, os desesperados. São os dramas pessoais que trespassam o destino das pessoas e da nação. Os depoimentos que lemos são uma busca de palavras para dizer o que as palavras não dizem. Um sobrevivente espanhol contou: "Era uma onda, a terra subia e baixava, devorando tudo". Ainda hoje tem a sensação de que "tudo se move, só existe o pó, não quero ver".

Mas o que se desdobra é a fome, o desespero por água, comida, remédios. Lançam bombas de gás para afastá-los. Como no Afeganistão. Mas lá luta-se contra os que querem acabar a humanidade, aqui levamos uma mão estendida de solidariedade aos que buscam viver.

É desse mundo que Ordaz nos traz o testemunho de visita a um hospital improvisado. Ele pergunta: "De que vocês mais precisam?". "Morfina". Porque ali os sons que se ouvem são os gritos dos dilacerados pela dor. Amputações sem anestesia, e o que mais têm são mutilados pelos desmoronamentos.

Num colchão sob uma menina. Os olhos tristes que não brilham. Um esparadrapo na testa com uma data, 21.1.2010, e duas iniciais, MJ. Tem apenas um coto envolto em gaze no começo do útero, perto do ombro. "O que se passou contigo?" Abstrata, repete: "Meu braço ficou lá". Ela foi uma das amputadas sem anestesia, e agora ali aguarda um encontro com qual destino? Os seus estão todos mortos: "Meu braço ficou no colégio".

Assisto em Brasília, na Base Aérea, às cerimônias fúnebres de saudades aos nossos bravos soldados que morreram no Haiti. Também são destinos acabados. Famílias destruídas. Carreiras mortas. Ouço a correta tocar silêncio. O soluço contido dos parentes.

Uma guarda de honra afasta um caixão. O corpo será sepultado em Brasília. Separa-se de seus companheiros. Saem para acompanhá-lo sua mulher, de preto, com dignidade, e uma menina com os olhos tristes e sem brilho. Deve ser ter seus cinco anos. Acompanha o corpo do seu pai, o major Adolfo. Seu nome, Nina. Meus olhos pedem para chorar com eles. Ela, como Maria José, é vítima da tragédia. Vão ao encontro do seu destino. Nina viverá sem o carinho do seu pai, mas credera da solidariedade e carinho de todo o Brasil, filha de herói. E MJ?

jose-sarney@uol.com.br

JOSÉ SARNEY escreve webs sexuais-feitas-na-colcha.

FRASES

**DENОВО**  
Eu não tinha lido nos últimos anos uma confissão tão clara de que, se for preciso construir o DOI-Codi de novo, vamos construir o DOI-Codi de novo

**PAULO VANNUCHI**  
ministros dos Direitos Humanos, rebatendo ataques ao texto da terceira edição do Programa Nacional de Direitos Humanos, ontem na Folha.

**BANDEIRA**  
Temos humildade para reconhecer erros. A maneira como o aborto está colocado deve ser reformulada, porque corresponde a um ponto de vista que é bandeira do movimento feminista

**PAULO VANNUCHI**  
alinda sobre o PNDH-3, ontem na Folha.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.  
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.  
This page will not be added after purchasing Win2PDF.